

AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA

PREÇO C\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Nenhum resultado eleitoral pode garantir uma ou outra forma de governo e menos ainda esse mínimo de liberdade e justiça que o povo possa ter conquistado à custa de grandes esforços.

Giovanna Berneri

ANO I

Rio de Janeiro — Quarta-feira, 5 de fevereiro de 1947

N.º 30

Passou o 19 de janeiro, data fixada pelos políticos para que o povo desse país elege-se seus verdugos. No período pré-eleitoral, os partidos, incluindo entre os mesmos os que não creem no voto, disputaram com verdadeiro afã a simpatia do eleitorado, e na sua ânsia por conquistar o poder não trepidaram em realizar os conchavos mais vergonhosos, para os estriões da questão social. Não houve fronteiras morais, campeou aquilo de que o fim justificava quaisquer meios; e não viram a possibilidade de tirar proveito não trepidaram em darem-se as mãos, o que não impedia, entretanto, que se cuspssem a cara mutuamente.

No Rio, por exemplo, os udenistas se mostraram foribundos ante os bolchevistas, porém na Bahia, Mangabeira, um dos chefes da UDN, aceitava placidamente a coligação com os prestistas. Em São Paulo, até que os comunistas não se haviam declarado partidários da eleição de Ademar de Barros, havia segundo os próprios udenistas não mais que um simples namôro, já era paixão o que existia entre os mandões da UDN e do PCB. Os prestistas chegaram a oferecer a candidatura a um padre católico, apostólico e romano. Porém, não parou aí a desfaçatez dos rabanetes «vermelhos por fora e brancos por dentro», andaram colando cartazes onde em promiscuidade com re-

presentantes do partido comunista apareciam, segundo eles: «Católicos e Comunistas Unidos»; porém os demais partidos PTB, PSD, PR, ED, PRP, etc. etc. não ficaram atrás. Em todos os estados houve as mais desenfreadas alianças, e sempre,

lou entre 20% e 40% chegando a 50% em algumas localidades: — formosa lição de moralidade; pois não se pode acusar de desinteresse pelos problemas sociais, como querem fazer-nos crer os propagadores e defensores do sistema autoritário à

infantilismo» — as condições atmosféricas como causa da abstenção. Não, senhores farsantes! Não vêm a alegoria de nosso clichê. Pois bem, o instinto popular compreendeu que depois das eleições teriam que seguir carregando sobre seus

tência, que os governadores, deputados ou vereadores de nenhum partido lhe tiraria de cima a besta capitalista. E por mais que vocês nos prometessem por meio de sua propaganda oral e escrita, por mais que nos tivessem dado palmadinhas nas costas, e mostrado seus sorrisos amáveis, houve uma parte do povo que não acreditou em vocês, porque vocês para o povo representam o mesmo que representava o lobo da fábula para o chapeuzinho vermelho. Também não se pode qualificar como varguistas aos abstencionistas, porque os partidários do ex-ditador correram como fanáticos às urnas.

Em toda essa tragicomédia das eleições, porém, há outra particularidade que desejamos assinalar, é que os democratas, os partidários da liberdade de pensamento, os defensores da inviolabilidade individual, estão pedindo implacável castigo para os que se abstiveram de votar demonstrando seu desinteresse. Não pensam como eles e sua intolerância pelas idéias de emancipação social.

Mas dia virá em que o povo compreenderá a necessidade de tomar uma vassoura nas mãos e varrer da face da terra os impostores da questão social. E sem leis e sem amos, sem pátrias e sem deuses, construir uma sociedade de homens livres e iguais — uma Sociedade Anarquista.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

J
U
S
T
I
Ç
A



C
A
P
I
T
A
L
I
S
T
A

segundo os mesmos, tudo isso era para salvar a democracia.

O povo porém lhes deu uma soberba lição abstendo-se de votar. Em alguns estados, dizem os diários metropolitanos, a abstenção osci-

enorme quantidade de abstencionistas, e em seus discursos para justificar o fracasso bordeiam frouxamente o problema em busca da causa do não comparecimento do povo às urnas, chegando a atribuir — oh

ombros esse sádico e desapiadado regime de exploração do homem pelo homem, quer se chame democrático ou ditatorial. Compreendeu que nada resolveria votando, que teria de seguir lutando por sua mísera existência.

NÃO NOS CONFUNDAM

A liberdade é a aspiração máxima do sentimento humano, desde a monarquia absoluta — forma primitiva de governo constituído — até a monarquia constitucional, poder presidencial, governo das assembleias e legislatura direta.

Nenhum governo corresponde suficientemente aos anseios de liberdade iminentes do homem, porque governar significa dominar, impor, exigir, mandar. Daí a luta perene que se estabelece entre governantes e governados. Os primeiros contam com a força e esmagarão os segundos, enquanto estes não adquirirem plena consciência dos seus direitos. Por esse motivo não há ninguém feliz no mundo! A dor universal tortura a toda gente. O homem vive em uma busca constante e inútil de felicidade. Não consegue o seu objetivo por não ter se convencido ainda de que o mal não está no indivíduo e sim na organização social.

Tôdas as formas de governo têm sido experimentadas sem sucesso. Resta, como esperança para salvar a humanidade, o Anarquismo, que é o único sistema inatingido pela desmoralização social.

O Anarquismo não é utopia, como dizem os mal intencionados. Tôdas as idéias avançadas têm sido consideradas como utopias antes de serem adotadas. A utopia de hoje é a realidade de amanhã. A república também era considerada utopia na época da monarquia.

Anarquismo também não é desordem, como acreditam os menos entendidos em cultura social. Pelo contrário, a ordem é uma das bases dessa doutrina. Tôda ordem, tôda administração, to'o respeito, são indispensáveis em uma sociedade anárquica. Não a ordem imposta por leis irrevogáveis, partindo de cima para baixo, mas, sim, de baixo para cima, democraticamente. A desordem nasce do governo do homem pelo homem.

O Anarquismo não apresenta semelhança com o comunismo totalitário, como pensa muita gente. São princípios virtualmente divergentes. O Anarquismo é científico e o Comunismo político. O Anarquismo é anti autoritário, libertário, e o bolchevismo é autoritário, ditatorial. O Anarquismo pretende abolir o Estado, e o comunismo torná-lo forte e poderoso. O Anarquismo luta pelo desapare-

cimento da propriedade privada e o marxismo a converte na posse do Estado. O Anarquismo combate a religião, procurando substituí-la pela Ciência e o stalinismo aceita o seu apoio, embora diga repudiá-la. O Anarquismo situa os interesses do indivíduo acima de tudo, oferecendo-lhe todo o bem-estar e o direito de trabalhar onde lhe convier, e o comunismo autoritário obriga-o a trabalhar para o Governo, sob pena de ser punido como inimigo da Pátria, que é o «patrão» do regime capitalista. O Anarquismo não apresenta candidatos aos postos governamentais, porque reconhece que tôdas as organizações políticas têm como finalidade explorar o trabalhador, nem transige com os partidos, e o comunismo russo procura iludir as massas e compete nas eleições, fazendo conchavos os mais vergonhosos, com os adversários para chegar ao poder.

Anarquismo e Comunismo, como se vê, são dois sistemas inteiramente opostos e inconfundíveis.

Os resultados das experiências do hitle-rismo, hiroitismo e mussulinismo, já falecidos,

(Continua na 4ª pag.)

Por um Sindicato Revolucionário

Os sindicatos operários, tais como estão constituídos neste país, são simples organismos que dependem diretamente da vontade soberana do Estado, consolidados sob a proteção do Varguismo, com uma estrutura corporativista de estilo mussoliniano, onde não faltou nem a chamada carteira de trabalho (carteira que é um verdadeiro atentado contra um dos direitos mais legítimos do homem — a liberdade de trabalho, e ainda uma vergonhosa herança do período ditatorial, a qual os campeões de nossa flamante democracia aceitam docemente). Esses organismos sindicais, aparentemente neutros, não são outra coisa que órgãos de opressão, dos quais se serve o Estado para manter o atual sistema de opressão sobre os trabalhadores. A maior aberração desses organismos é que, como condição primeira e inviolável, para que os explorados possam organizar-se, exigem a carteira expedida pelo Ministério do Trabalho, sem a qual não se aceita em seu seio nenhum trabalhador, e é aí que se radica sua ineficácia como organismo sindical de classe. Desviando-se de sua verdadeira causa, passam a ser meros instrumentos nas mãos de meia dúzia de «sabidos», que, para manterem-se nos postos burocráticos, se submetem por sua vez ao oficialismo, e dessa maneira o Estado tem controlado enorme massa que, sem personalidade, nem individual nem coletiva, marcha dirigida como verdadeiro rebanho, servindo de instrumento político à classe dominante.

É a carteira de trabalho, expedida pelo Ministério do Trabalho, que é o instrumento mais repugnante e

anti-humanos, que os defensores do Estado totalitário, seja da esquerda ou da direita, puseram em prática para poderem exercer um controle efetivo sobre o que hoje se passou a designar com o nome de «material humano». Em realidade, a carteira de trabalho não é outra coisa que uma arma fascista, da qual os ditadores de todas as cores se têm servido. Controlado o indivíduo, fácil é controlar o organismo sindical a que pertence e, dessa maneira, se exerce pressão sobre o mesmo trabalhador que inconscientemente se presta ao jogo, sem deter-se para analisar as causas de sua escravidão. E assim, aquele organismo, criado para servir como arma para sua libertação, se transformou no mais cruel e desapiadado guardião dos interesses dos exploradores. É necessário pois que os trabalhadores atirem ao lixo, como instrumento de opressão, a chamada «carteira sindical de sua categoria, posto que o mesmo não representa outra coisa que o passaporte que o credita como escravo voluntário.

Porém, não é o caso de determo-nos na luta quotidiana que os trabalhadores mantemos contra os que pensam perpetuar o atual regime de exploração do homem pelo homem.

Devemos, os trabalhadores, organizar-nos em sindicatos de resistência com base federalista, anti-autoritários e anti-políticos, uma das condições primordiais para manter higiene sindical e estender um cordão sanitário contra os burocratas sindicais, pois, num organismo federalista, as comissões representativas do mesmo não têm outras atribuições que a de administrar e velar pelo fiel cumprimento das

resoluções que são emanadas das assembleias gerais, não devendo em nenhum organismo haver diretoria, nem manter-se sob nenhum pretexto indivíduos remunerados, que não são mais que parasitas, como nos atuais sindicatos.

As resoluções devem ser tomadas em assembleias gerais ou seccionais; onde cada federado não só tem o direito, mas o dever, de emitir sua opinião. Os problemas tratados devem ser minuciosamente discutidos; assim, quando chegue o momento de votar por tal ou qual resolução, os presentes já terão formado uma idéia e tomam uma posição individual; poderão votar livremente no que melhor creia conveniente. As votações devem ser por acamação, onde cada federado expresse sua vontade publicamente. As votações secretas, embora os sofisticados defensores do chamado sufrágio universal digam que é a vontade soberana da maioria, não é outra coisa que a ante-sala da fraude e a castração da personalidade humana. Nas votações por aclamação, cada indivíduo assume publicamente uma posição, desenvolvendo dessa maneira o sentido da responsabilidade individual, formando-se uma verdadeira personalidade, base essencial e indiscutível para a constituição de uma sociedade de homens livres e iguais. Nos conflitos suscitados entre a organização e os exploradores, deve sempre seguir-se o método da ação direta, isto é, sem intermediários, que só servem para dificultar os possíveis entendimentos. A orientação do sindicato não deve ser neutra, mas bel-

(Continua na 4ª pag.)

Que faz a Rússia com seus heróis?

A Rússia, com a revolução antitsarista, deixou, durante algum tempo, de ser cara pátria, sacrossanta pátria, a pátria de todos os russos; mas, com a reviravolta política de Stálin, reviravolta a que Trozky chamou *termidorismo*, foi virando novamente pátria, depois cara pátria, depois sacrossanta pátria, com bandeira simbólica e hino nacional, cusparada apóstata cuspidas nas vibrantes e humaníssimas pautas da Internacional: De pé! ó vítimas da fome!

Tomada a Rússia ao papel de pátria sacralíssima, foi absolutamente necessário que tivesse heróis, e heróis não faltaram na segunda grande guerra. O maior deles foi Zukhov!

Ora Zukhov desapareceu da circulação e desapareceu de repente, sem se saber porque, ou como, ou para onde.

Acontece agora que um capitão do exército vermelho, atualmente no Brasil, o sr. Michail Koriakov, num surpreendente artigo (publicado no *Correio da Manhã* de 12-1-1917) estuda o mistério, e sua conclusão é que o corrilho político do partido comunista russo, a quem Zukhov, como supremo guia da guerra, teve de afastar dos assuntos militares, por neles intervirem sempre desastrosamente, se não matou, anulou Zukhov, por despeito, ódio ou inveja.

Sua conclusão é esta: «Stálin, compreendeu o perigo que Zukhov representava para o regime bolchevista, mas tinha necessidade do seu gênio militar nos momentos difíceis da guerra. Por isso, decidiu tomar medidas para limitar sua influência. Afastou-o do comando supremo. Depois da

vitória de Stalingrado, Zukhov não mais voltou a Moscou».

E adiante: «Nos meados do verão de 1943, quando o avanço alemão sobre Kursk foi quebrado, a vitória era certa. O partido político elevou a voz e começou a celebrar o partido como a verdadeira razão da vitória. A propaganda glorificava o bolchevismo, o regime soviético e os *polkholes*, roubando assim toda a glória da vitória ao povo. Acabada a guerra, e garantida a vitória, o partido político retomou sua desforra, liquidando as concessões que havia feito ao comando militar em outubro de 1942. Para isso, foram introduzidos no exército hábeis especialistas do partido central político, aos quais foram dados postos de coronéis e generais. Entre eles, o posto de tenente general foi dado a Poskrebuichev, que foi, durante longos anos, secretário particular de Stálin».

Depois de apontar a ausência de Zukhov, herói nacional, de todas as festas e homenagens de presença obrigada, mostra que, no verão passado, Zukhov era nomeado para um posto subordinado ao comandante das tropas de Odessa. Mais tarde, Tito manda condecorar todos os chefes militares russos; mas, não figurava, entre estes, o nome de Zukhov. Demais, o nome de Zukhov não sai, nem pode sair nos jornais russos.

Conclui Koriakov: «Muitos fatos fazem supor que esse ilustre soldado e grande gênio militar, tenha tido o mesmo destino que Tukatchevski».

Ora, Tukatchevski foi fuzilado pelo partido comunista durante

(Continua na 4ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Nesse congresso se resolveu a passagem das terras para a posse dos camponeses, sem indenização.

5º — Operou o entendimento entre os camponeses de Gulai-Pole e os operários de Alexandrowska — junho de 1917 — reunidos em união profissional.

6º — Levou os camponeses de Gulai-Pole a assumirem, sem licença do Comitê Comunal de Kerenski as funções do Departamento agrário, depois as do Departamento de viveres, substituindo-se ele, assim, a autoridades. Fez os camponeses exigirem depois, no Comitê, a supressão da milícia.

7º — Recenseou todas as terras dos *pometchiki* grandes proprietários e dos *kulaki* pequenos proprietários e contra eles organizou, no soviete de operários e camponeses. Os sovietes não foram criação bolchevista um comitê dos *batraki* empregados das fazendas para lutarem contra os fazendeiros.

8º — Intensificou nos distritos ucranianos uma forte campanha para que esses fizessem com os Conselhos Comuns o mesmo que fizeram os de Gulai-Pole.

9º — Propôs aos camponeses não pagarem arrendamento de terras aos proprietários — julho de 1917.

10º — Levou os camponeses, operários e soldados a proibirem ao Comitê Comunal tomar qualquer decisão de interesse público — agosto de 1917.

11º — Procedeu ao desarmamento de toda a burguesia de Gulai-Pole. Esse desarmamento operou-se sem efusão de sangue dada a nenhuma resistência dos proprietários.

12º — Visitou as usinas de Alexandrowska. Apelo para os operários e depois para os soldados da guarnição que expulsassem todas as autoridades socialistas. Os soldados prometeram apoio e socorro aos camponeses de Gulai-Pole.

13º — De volta de Alexandrowska, propôs aos camponeses de Gulai-Pole a repartição das terras das igrejas, mosteiros e dos *pometchiki* para cuidarem da sementeira. Isso foi feito mau grado as ameaças dos agentes do governo. Foram enviados, camaradas por todas as aldeias para obterem dos camponeses a mesma coisa.

14º — Encarrega Leon Schneider, eleito representante do soviete dos deputados camponeses e operários de Gulai-Pole junto ao Comitê Executivo Departamental de Ekaterinoslav, de trabalhar de acordo com a Federação anarquista dessa cidade industrial e estabelecer entendimento com os metalúrgicos locais para que enviassem à forjas de Gulai-Pole matéria prima. Pouco tempo depois começaram a ser feitas as remessas.

15º — Foram designadas pelo congresso regional de Comitês agrários as propriedades dos *pometchiki* destinadas a comunas operárias. Famílias se reuniram em grupos de 150 a 200 pessoas. Nesse congresso cuidaram da sementeira e dos trabalhos relativos à futura colheita, a primeira em comunas livres.

16º — Nessa ocasião dá-se, em dezembro, após o golpe bolchevista de 17 de novembro o Congresso Departamental dos Sovietes de Deputados camponeses em Ekaterinoslav. Foram designados

pela região de Gulai-Pole os camaradas Nestor Makhnó e Mironov. Havia na cidade quatro ou cinco poderes principais: o de Kerenski, o da Rada Central ucraniana, o de alguns cidadãos neutros, o dos marinheiros chegados de Kronstadt e o dos Sovietes de Deputados camponeses, operários e soldados a cuja frente se achava o anarquista-sindicalista Grimbaum, seduzido porém pelo poder bolchevique recém-aparecido, a quem ajudou imenso. Levantaram-se contra os chauvinistas reacionários, o Grimbaum, a Federação Anarquista de Ekaterinoslav, os marinheiros anarquistas de Kronstadt e os delegados anarquistas de Gulai-Pole. Esta já um regimento de cavaleiros de S. Jorge. Os bolcheviques quiseram chafalhos a si mas foram vaiados. Makhnó, porém revelando a esses soldados a obra empreendida pelos anarquistas, conseguiu deles e até dos oficiais, pleno auxílio contra a Rada reacionária.

17º — Aqui, surgem os primeiros receios de Gulai-Pole referentemente aos bolchevistas. Inimigos de qualquer autoridade governamental, viam com maus olhos o novo Estado autoritário surgir com imposições intransigentes e, por isso, trataram de armar-se. Doeu-lhes muito ouvir o bolchevique Einstem gritar no Congresso: «O proletariado das cidades alcançou o poder. Devemos esperar que crie um Estado seu, um Estado proletário. Nós, bolcheviques, lhe daremos todas as nossas forças para ajudá-lo a criar tal Estado, porque, só por esse meio, o proletariado poderá conseguir o máximo de felicidade. Entraram pois a exercitar-se nas

armas, certos de que os autoritários bolcheviques viriam tentar impor-lhes suas autoridades de armas na mão. Tiveram ótimo instrutor no anarquista Jacob Domachenko.

18º — Organiza a luta contra a Rada ucraniana (dezembro de 1917) e resolve opor-se à Rada que ameaçava invadir toda a região e já lutava contra os bolcheviques nas cidades. Cosacs, vindos da frente alemã, dispõem-se a reunir-se a Kalédin, chefe da contra-revolução.

19º — Aos 3 de janeiro de 1918, o comandante da guarda vermelha bolchevista, Bogdanoff, dirige um apelo aos camponeses e operários de Gulai-Pole pedindo-lhes auxílio. O grupo anarquista ouve o apelo e centenas de anarquistas marcham para alexandrovsk. O comandante foi Sava Makhnó irmão de Nestor.

20º — Os bolchevistas em Alexandrowska querem impor leis aos operários, mas não são contrários pela Federação Anarquista. Então, propõem uma frente comum e pedem à Federação Anarquista que lhes enviem dois delegados. Vão Maria Nikiphorova e Iacha. Nikiphorova é eleita Maria presidente do Comitê Revolucionário e este pediu um representante de Gulai-Pole. Foi enviado Makhnó.

21º — Lá chegando, Makhnó se revolta contra o fato de não haverem os bolchevistas libertado os presos políticos, detidos por não haverem querido reconhecer o governo Kerenky. Os bolchevistas explicaram não tê-lo feito por temerem que eles se revoltassem igualmente contra o poder deles bolchevistas. Estes já ha-

viam designado um deles, Lepio para presidente da Teheca e por isso impediam qualquer ação popular para libertar os detidos. Makhnó, compreendendo isso, com apoio da coluna anarquista, soltou os presos.

22º — Nesse tempo constituiu-se uma Comissão do Tribunal Revolucionário dos guardas vermelhos de Bogdanoff. O Comitê Revolucionário enviou dois representantes um anarquista, Makhnó e um bolchevista Mirgorodsky. Deram-lhes os outros processos de numerosos presos para serem julgados. Makhnó exigiu a presença dos detidos. Eram numerosos, generais, coronéis, oficiais, chefes de milícia, e soldados da Rada. Eram todos contra-revolucionários, porém inocentes de crimes outros que lhes imputavam, nem haviam tomado sequer armas contra os bolchevistas. Makhnó exigiu exato exame de cada caso e teve de lutar fortemente contra bolchevistas que pretendiam fuzilar quase todos, mas salvar alguns de que esperavam serviços futuros. A esse propósito cumpre ler estas palavras de Makhnó: Se eu aceitara o papel ingrato de membro da Comissão de inquérito, foi, por um lado, para informar-se pessoalmente e esclarecer os camponeses revolucionários sobre as intenções dos socialistas-estatalistas nesses grandiosos dias de levante das forças revolucionárias quanto ao modo por que «esses defensores do ideal de liberdade e igualdade» abandonavam esse ideal para só pensar no privilégio do poder; por outro lado, para adquirir certa experiência na orientação dos acontecimentos».

(Continua)

A mulher na Sociedade Capitalista

A posição da mulher na sociedade capitalista é de inferioridade, quer sob o ponto de vista biológico, quer sob o ponto de vista social.

Inferioridade Biológica

A natureza foi excessivamente parcial na distribuição do onus à espécie entre os dois sexos. Esta afirmação se torna evidente, quando observamos que a contribuição do homem inicia e termina com o ato sexual, em oposição à da mulher, que principia, justamente, com a realização da cópula, prolongando-se por nove meses de cuidados e privações, findos os quais, sobrevém o parto — "Verdadeira catástrofe fisiológica" (A. Nemilow). Não terminou, porém, o ciclo para perpetuação da espécie. O novo ser precisa de alimento e surge outro período de renúncias, no qual a mulher subtrai energias de seu organismo para nutrição do filho.

É patente a diferença de carga, diferença assentada, segundo as condições econômicas e culturais da mulher.

Inferioridade Social

A primeira escravidão surgida na terra foi a da mulher.

O homem primitivo encarregou-a dos trabalhos mais árduos e aborrecidos: transporte de tenda, preparo de alimentos, cultivo da terra reservando para si a parte mais atrativa: caça de animais, guerra aos agrupamentos vizinhos etc.

A escravidão permanece, ainda hoje, rotulada com o nome de: escravidão econômica.

Dependendo, na juventude, dos pais e, na maturidade, do homem que a toma para esposa, a mulher vê restringida sua participação no banquete da vida.

Proibida de satisfazer, naturalmente, seu instinto sexual, sob pena de cair no anátema da sociedade hipócrita em que vive, a mulher olha o casamento como verdadeira tábua salvadora de sua intolerável situação; porém, oh cruel ilusão — é fugir de uma cela para cair num calabouço.

Casada, a mulher torna-se propriedade privada do homem. Sem outros direitos que os de submeter-se passivamente às suas exigências e solicitações, muitas vezes descabidas e anti-biológicas.

Os espíritos retrógrados, defensores dessa inferioridade como sendo um fato natural, apoiam sua tese nos seguintes sofismas: inferioridade intelectual e fraqueza física da mulher.

Se na realidade existe a inferioridade intelectual da mulher, na sociedade burguesa, esta não de corre da maior ou menor porção de massa cefálica, mas sim de uma diferença de oportunidades. Sabemos que só recentemente elas foram admitidas nas universidades e o escândalo causado, quando as mais ousadas se apresentaram pela primeira vez às portas das academias solicitando inscrição nas mesmas.

Não vamos, aqui, citar nomes femininos que tanto têm se distinguido, nas ciências, nas artes e na literatura.

Seria um enumerar infinito de nomes.

A fraqueza física é outro tabu

da sociedade burguesa que não resiste ao mais leve exame. E como prova, vimos nesta guerra, a mulher substituir com vantagem o homem nos estaleiros, nas oficinas, nos campos e até nas forças armadas.

Solução Posta pelo Anarquismo

É verdade que a sociedade anárquica não poderá eliminar por completo a desigualdade biológica, porém conseguirá reduzi-la a um mínimo possível, e isso far-se-á pela criação da maternidade consciente, assistência médica completa antes do parto e depois dele. A criança ficará entregue a médicos e pessoas especializadas, e a amamentação poderá ou não ser feita pela própria mãe. Por outro lado a inferioridade social ficará totalmente extinta. Não dependendo economicamente de ninguém, visto que na sociedade anárquica não haverá dinheiro e cada um produzirá segundo suas forças e receberá conforme suas necessidades, a mulher livre dos preconceitos sociais organizará sua vida sexual de acordo com suas necessidades fisiológicas. A instrução será ministrada indiferentemente a homens e mulheres, levando-se em conta, apenas, sua capacidade natural.

Sómente assim terá desaparecido a inferioridade social, e a mulher emancipada dos preconceitos sociais, será elevada a verdadeira posição que lhe compete como companheira e mãe da espécie humana.

Ideal Perez

Amaquina de Opressão

- Quem, mal teu filho nasce, exige o seu registo para o futuro serviço militar?
- O Estado!
- Quem, na escola, o obriga a instrução pre-militar e o habitua a obedecer sem hesitar, como autômato?
- O Estado!
- Quem o obriga ao serviço militar, ainda contra a vontade, punindo-o severamente se não quiser aderir ao aprendizado de matar?
- O Estado!
- Quem arranja guerras e compele teu filho a ir matar ou morrer ainda contra sua vontade e consciência?
- O Estado!
- Quem o mete na cadeia se se recusa cumprir alguma lei desumana ou se rebela contra a arbitrariedade de algum superior desatinado?
- O Estado!
- Quem o obriga a votar nos políticos nefastos, enfileirados numa chapa organizadas por chefes interesseiros, e o pune se não se quer rebaixar a essa comédia repugnante?
- O Estado!

Irrealizável? Porque?

Não são poucos os que, ao se defrontarem com a doutrina anarquista, dizem ser um belíssimo ideal mas, acreditam ser impossível realizar-se tal sociedade.

Para os que lutam por essa transformação onde não haja vícios e nem exploração dói-nos à alma o ouvir tal afirmação. Perguntamos, então, a esses indivíduos, se seriam capazes de viver em uma organização social onde cada um faria o que lhe compete fazer, trabalhando de acordo com suas possibilidades e recebendo segundo suas necessidades. Respondemos que sim.

E porque é impraticável o anarquismo?

Temos diversos exemplos que vêm comprovar a possibilidade de vivermos em sociedade livre sem exploração e sem a sujeição do homem pelo homem.

Dentre esses exemplos apontaremos o da colônia Cecília, no Paraná; o da Ucrânia na Rússia, onde foram experimentados sistemas anarquistas postos em prática pelos guerrilheiros Maknovistas, desbaratados depois pela *traição comunista* ordenada por Trostzki então novo mandante daquele vasto território.

Atualmente temos a de vale de Emek que nos é citado pelo prof. Magnus Hirschfeld em seu livro "A questão sexual pelo mundo". Descreve ele o modo pelo qual um punhado de destemidos jovens, impulsionados por um ideal, se puseram a trabalhar com afino, transformando os medonhos pântanos do vale de Emek numa terra salubre e livre.

Não foi com pouco sacrifício, senão pagando com a vida de centenas desses bravos que, confiantes no seu ideal, não retrocederam ante os inúmeros impecilhos, especialmente a malária que impedia no grande vale.

Sempre avante! Foi o grito daqueles destemidos homens, e assim conseguiram o que tanto almejaram.

Hoje, no vale de Emek, vivem eles num regime diferente do nosso e dos demais países, regime este, de cuja possibilidade muitos ainda duvidam.

Organizando-se em comunas que substitui a máquina autoritária e opressora do Estado, no vale de Emek, vivem livres, em comum.

O amor livre que a muitos repugna, no vale de Emek, dá prova de que evita os martírios, os

crimes e os casamentos interesseiros e as imoralidades que a união legalizada traz.

As crianças são tratadas com a máxima atenção. Crescem este educam sob a observação dos competentes no assunto. E para isso, lá existem as "Casas da Infância" que é símbolo para os habitantes do vale de Emek.

As escolas de agricultura e das várias atividades do pensamento humano, para rapazes e moças, criam uma mocidade livre da horrenda ignorância.

Mais um exemplo, temos ainda no polo Norte. Os esquimós. Seu modo de viver é descrito em *Seções* de novembro de 1946, por Peter Freuchen. Numa aventura na ártica conheceu e estudou aquela gente que vive alheia a este mundo de infâmias e corruções.

Embora não sejam os esquimós anarquistas e tenham um grau de civilização bastante atrasado, em seu modo simples e natural de viver, vem confirmar a possibilidade de vivermos dentro de um regime anárquico.

Pois lá não há dinheiro um dos causadores das desigualdades e

depravações sociais. O ártico não é de ninguém e tudo o que lá existe é para todos.

Entre os esquimós os favores não se agradecem; em primeiro lugar porque são feitos espontaneamente e, em segundo, porque acham que o favorecido se sentiria humilhado em ter que agradecer cada vez se lhe presta um favor. Eles têm sempre em conta que hoje é um e amanhã será outro que pode precisar.

Lá não há o preconceito sexual, e o casamento é feito com a maior naturalidade possível, sem cerimônia religiosa e sem documentação. O que existe é a união livre e natural dos dois sexos. Entre os esquimós não existe a elevação de um sexo acima de outro. Tanto o homem como a mulher têm o mesmo valor, e, quando se unem, fazem-no como dois companheiros; o homem é acompanhado pela companheira em todas as lutas em busca de alimentos.

Os esquimós, materialmente, são atrasados, mas de uma moral bastante elevada. Quando o homem sai para caçar fica, por vários meses, fora. Não sendo possível levar

sua companheira, deixa-a em casa de qualquer de seus amigos, sem o menor receio. Dizem eles que o animal homem é merecedor de confiança.

No ártico não há governo, patrões, deuses nem propriedade privada. Evitam-se assim, as grandes chacinas que gera o direito de propriedade.

Se os esquimós, que não tem o mesmo grau de conhecimento e cultura que temos nós, vivem uma vida livre e sem exploração, porque não podemos viver dentro do anarquismo que é Liberdade, Igualdade e Fraternidade?

Esperar que o anarquismo nos venha procurar é retardar a solução de todos os problemas que a humanidade têm de resolver.

É a nós, os oprimidos, que compete ir buscar o que nos pertence, reclamar nosso direito e implantar a verdadeira Liberdade que é o Anarquismo.

Para ele devemos caminhar e pelo Anarquismo devemos lutar.

Nehy Azzolini

"Da juventude Libertária de São Paulo"

A INTERVENÇÃO DOS SINDICATOS

P. Ferreira da Silva

aplicação dos produtos, de modo que deles não sejam privados os trabalhadores.

Eis um caso típico de ação direta que deveria ser ventilado e resolvido em qualquer assembleia sindical. Uma moção assim apresentada, que destino poderia ter? Se aprovada pelos trabalhadores constituídos em organismo social, com força e disposição para tratar diretamente dos seus interesses, sem delegação de estranhos e sem a esperança posta em medidas que,

justamente por contrariarem os interesses do capital, nunca os defensores do capital como sistema poderão sinceramente advogar, e muito menos pôr em prática — restaria a parte da sua execução, a intervenção dos sindicatos na distribuição dos produtos.

Essa ação poderia ser exercida de diversas formas, sendo talvez a mais importante aquela que significasse uma vigilância constante sobre os preços das utilidades.

O proletário adquire os produtos

de seu uso e de subsistência através do mesmo sistema capitalista da troca, tendo a moeda como agente de transação. Logo, o preço dos produtos figura como o obstáculo maior para que as classes de menos recursos econômicos possam entrar no gozo das utilidades, desde a moradia à alimentação, desde o transporte ao vestuário, desde os livros às diversões.

Sendo assim, as classes operárias, organizadas e fortalecidas nos

seus sindicatos livres e concientes, teriam uma nova oportunidade de exercer o seu direito de reivindicação, cortando pela raiz a viciosa esquiva do patronato diante dos pedidos de aumento de salário, que logo sofrem a réplica de novos aumentos de preço, mal-dosamente justificados por insignificantes percentagens no agravamento do custo da mão de obra.

A vigilância sobre os preços é um meio eficaz de neutralizar especulações de intermediários lavradores, e impedir o enriquecimento ilícito dos donos da indústria.

Uma classe que, pela inter-

(Continua na 4ª pag.)

Um exemplo para os trabalhadores do Brasil enganados pelos políticos

Organización Obrera, órgão da F. O. R. A. argentina anuncia a próxima vitória da jornada de seis horas em varias organizações argentinas. Assim explica:

«A campanha pela jornada máxima de seis horas reiniciada pelo movimento forista faz três anos, está próxima a dar seus frutos, especialmente nos grêmios afins aos portos. Assim o assegura o acordo feito na recente reunião geral dos portos, convocada pela Sociedade de Resistência Obreiros dos Portos da Capital Federal, de que participaram também os obreiros navais, barraqueiros e condutores de carros e caminhões.

Com essa firme disposição em que intervêm muitos milhares de trabalhadores ao largo do Paraná, ganhou-se a primeira batalha contra o capitalismo que já vai vendo com espanto a sólida conformação de uma consciência geral em seus explorados que se apressam a melhorar as condições do trabalho.

Nos últimos dias do corrente ano, os obreiros do porto na ordem regional e os pertencentes aos grêmios afins a esses trabalhos voltaram a reunir-se para fixar a data definitiva em que apresentarão os padrões o pedido de que se ponha em prática a jornada de seis horas.

Essa jornada, que hoje se faz em 8 horas, far-se-á também em dois tempos; **três de manhã e três da tarde.** Sem dúvida os padrões estão estudando o modo de neutralizar o verdadeiro alcance dessa melhoria propondo quicá algum sistema de trabalho de que possam sair altamente beneficiados. Não faltarão tão pouco os oportunistas da política, e os homens de governo hão de querer tirar proveitos pessoais ou de partido, aparecendo

Que faz a Rússia com seus heróis?

(Continuação da 2ª pag.)

a depuração violenta de 1938, ele e vários outros marechais e generais.

De onde se conclui que ser herói nacional é perigoso na Rússia soviética. Mexe com os nervos da ciumenta quadrilha política dos totalitários vermelhos, muito, ex-vermelhos.

João Lacre

como inimigos dos obreiros, exatamente como sucedeu com as 8 horas, depois que o proletariado deixou tantas vidas nas cruentas batalhas travadas na rua.

É de esperar que o proletariado dos portos, nesta emergência, dará provas, como o fez nas greves pela jornada de quatro horas nas tarefas insalubres, de que estão dispostos a impor a bom preço a solução, em grande parte, dos problemas econômicos, morais, sociais e humanos, no sentido de maior distribuição do trabalho, solidificação da organização, capacitação e descanso. Essa melhoria que é o princípio de uma longa luta, há de culminar na reivindicação do trabalho em todo o país para daqui estender-se ao resto do mundo, sempre em marcha para a conquista do supremo objeto: a Revolução Social.

Nota de Ação Direta: Trabalhadores do Brasil! Esse programa soberbo não se conseguiria na Argentina se lá estivessem os trabalhadores da F. O. R. A. ocupados com as eleições burguesas e ouvindo a discursaria velha e idiota dos políticos de toda cor.

Quando se decidirá o proletariado brasileiro atirar a vala comun esses indignos mendigos de votos doidos por pilharem os 12 contos mensais, fora o resto.

Por um Sindicato Revolucionário

(Continuação da 2ª pag.)

gerante, anti-política e anti-estatal, pois os políticos são os defensores do sistema de desigualdade econômica e social que existe na atualidade, e, por mais vermelhos que digam, seu único desejo é apoderar-se do Estado, organismo de que se servem para realizar suas ambições de domínio, sem lhes importar para nada a angustiosa situação em que vive o povo, do qual só se lembram nos períodos eleitorais para conseguir seu voto e alcançar com seu consentimento o poder, que logo usam em proveito próprio, ou do partido ao qual pertence.

As organizações operárias têm uma missão distinta da dos políticos: elas devem lutar não pela conquista do poder mas pela emancipação dos trabalhadores, tendo como lema que «a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores», excluindo de seu seio toda idéia que não tenha tal finalidade, e considerando que o problema que formula o proletariado organizado para conquista de seu bem-estar econômico e social, é, antes de tudo, um problema de força cuja razão social nos assiste. Devemos os trabalhadores desfazer-nos dos atuais organismos sindicais, estéreis e esterilizantes, e organizar-nos em sindicatos de resistência e de luta contra a magia política e o despotismo estatal, opondo-lhes a força organizada dos trabalhadores, exigindo por meio de greves gerais ou parciais melhoras econômicas e redução da jornada de trabalho, sem nos esquecermos, entretanto, de que os sindicatos devem ser uma escola de capacitação, onde os trabalhadores vamos forjando, dia a dia, uma das armas que devemos usar para alcançar a verdadeira finalidade na luta contra a exploração do homem pelo homem que é a Revolução Social!

QUETZAL

Não nos confundam

(Continuação da 1ª pag.)

e do salazarismo, do franquismo e stalinismo, agonizantes, ensinam os homens a repudiar os credos inspirados no mando e na opressão.

A humanidade está cansada de sofrer e o ideal de liberdade avoluma-se cada vez mais nos indivíduos. A autoridade enfraquece gradativamente, em benefício da liberdade, da extinção do poder e da emancipação completa do homem.

O advento de uma nova sociedade baseada nos princípios de liberdade, com o capital e a produção socializados, onde «cada um dê segundo suas possibilidades e receba segundo suas necessidades» está próximo, a despeito da resistência dos reacionários verdes, vermelhos e furtacores. Será um mundo livre para os homens livres, sem chefes, nem chefetes, pois terá como pedra angular, a solidariedade humana.

Raul Vital

(Da Juventude Libertária)

O QUE MOSTRAM OS FATOS

Traduzimos de L'adunata dei rifrattari (30 11-1946):

Muita gente imagina, de longe, que, nos Estados Unidos, são todos milionários ou quase.

Sylvia S. Porter, redatora da seção financeira do *Post* de Nova York, desfaz, com cifras na mão, essa lenda (21-XI).

É certo, escreve Porter, que a renda dos E. U. está calculada em 170 bilhões para o corrente ano (1946) Mas, quem a recebe?

Segundo as estatísticas do Federal Reserve Board, a renda nacional está repartida do seguinte modo: 30 por cento das famílias têm uma renda anual superior a 3 000 dólares, 70 por cento das famílias têm uma renda inferior a 3.000 dólares. Ora, três mil dólares (60.000 cruzeiros) por ano equivalem a 57 dólares por semana e quem vive nos E. U. particularmente nos centros urbanos, sabe que, com tal quantia, uma família, embora pequena, vive mal. Mas, a maioria da popula-

ção nem tal quantia recebe.

É verdade, continua Porter, que, neste momento, se acham nos cofres dos bancos americanos 130 bilhões representando a poupança da população. Mas, na realidade a quem pertencem tais *poupados*? E Porter responde citando os algarismos do Departamento de Agricultura do governo federal.

Um por cento da população possui 60 por cento dessas economias.

Dez por cento possui 27 por cento e isso significa que 20 por cento da população possui 77 por cento da poupança nacional.

Cinquenta por cento da população possui apenas 23 por cento das economias e trinta por cento não conseguiu poupar um centavo em todos esses anos de intensa atividade econômica.

Conclusão: aqui é como em todos os países capitalistas: uma exígua minoria recebe mais do necessário; a maioria recebe, a custo, o indispensável para não morrer de fome.

A intervenção dos Sindicatos

(Continuação da 3ª pag.)

venção do seu sindicato, impusesse limites de preço nos artigos que fabrica, não cometeria absurdo nem abusaria de situações privilegiadas para prejudicar a coletividade, como acontece às vezes, embora não por sua culpa, quando uma greve paralisa amplos setores da produção, causando transtornos incompreensíveis na economia pública, apenas com o objetivo particular de um aumento de salários em sua limitada esfera de atividade. Se a mesma greve tivesse por fim em vez de aumento de salários para os trabalhadores de determinada indústria, obrigar a empresa, e por intermédio dela os revendedores, a

fornecer o artigo de sua produção por determinado preço que o sindicato teria meios técnicos e conhecimento, próprio para fixar no benefício estendia-se a todos os consumidores, sem distinção de classes, e ninguém poderia negar-lhe o propósito altruísta, que conquistaria a simpatia até de muitos supostos ou aparentes inimigos do proletariado, nas classes médias igualmente, vítimas da tirania dos preços.

É certo que tudo isso seria desnecessário diante do movimento amplo de revolução anarquista, com a supressão do capital e a eliminação de toda a posse privada. Mas então, também os sindicatos desapareceriam, e a ação direta deve, por sua própria natureza, ser exercida com o imediato que a quotidiana luta pela vida exige. Esperar um determinado ponto de maturidade para pô-lo em prática, equivaleria a descrever uma curva incompatível com a necessidade premente de caminhar, direito, para a conquista da liberdade individual e da igualdade econômica.

Nesta fase, ponto de partida para uma nova organização, cabe a s sindicatos uma missão técnica e eles representam a força dos trabalhadores.

Notícias anárquicas

2. Os companheiros do *Comité Nacional de Defesa Sindical de Italia* pedem encarecidamente aos companheiros e organizações afins do mundo apoio econômico e solidário afim de poderem desenvolver seu arduo trabalho de organização do Movimento Sindical Italiano de tendência anarquica, aderente á A. J. T.

O endereço é: **Antonio Dettori. C. N. de D. S. 26 via D'Andrade.**

LESTRI-GENOVA
ITALIA

Livros anarquistas

Foram recentemente editados em português: **EM VOLTA DE UMA VIDA** (*Memórias de um revolucionário*), de Pedro Kropótkin, pela editora José Olímpio; **AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO**, de Rudolf Rocker, pelas Edições Sagitário.

ANARQUICO É O PENSAMENTO E PARA A ANARQUIA MARCHA A HISTÓRIA.